

Juliana Bom-Tempo

Universidade Federal de Uberlândia

A dobra, o dentro e, talvez, um plano para atravessar o caos, uma dança-pensamento

Dança-pensamento. Pensar trata-se de fazer um plano, um recorte, um meio, considerando a busca por certa precisão, que tem por método a intuição e a capacidade de acesso imediato do corpo no mundo. Dançar: criar problemas e perguntar à prática. A presente pesquisa, em processo desde 2017, tem como plano prático a improvisação em dança com base procedimental nos aparatos técnico-metodológicos de Steve Paxton em *Material for the Spine* - 2008. A análise se dá frente a criação, aos treinamentos e às execuções de *A dobra, o dentro* (2018 – Uberlândia/MG; 2019 – Campinas/SP). Este surgiu das necessidades de se pensar: o que pode a dobra e o dentro dos corpos em acoplamentos ainda não explorados pelos hábitos do que é dado como possível? Duas mulheres se acoplam e se propõem a dançar conectadas continuamente com uma das mãos na boca da outra. Trabalhamos com técnicas da abordagem terapêutica crânio-sacral na operação dos modos de acoplamento entre mãos e bocas. O ritmo do trabalho, a sonoridade causada pelos acoplamentos mão-boca que negociam com o escorrer e o sugar da saliva, a leveza da mão na boca e da soltura das tensões dos músculos faciais, os movimentos pelo espaço que se entremeiam nos focos de luz e sombra, as danças mobilizada pelos trabalhos da skinesfera, da kinesfera e dos rolamentos espiralados; todo o aparato técnico-metodológico que compõe essa obra tem a busca, junto ao acontecimento da improvisação em dança, por encontrar a precisão que convoca certa magia dramatúrgica da construção de um plano composicional. Remontando as provocações da materialidade barroca e dos mundos (in) compossíveis em Leibniz, Deleuze nos leva a pensar a dobra, o dentro na criação entre arte e pensamento. Dobra em função operatória que, ao se fazer, tende ao infinito da materialidade e da alma. Dobra sobre dobra.
